

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

**Profissionais do sexo e auto-imagem
na cidade de São Paulo**

Aluna: Ana Luiza S. Fanganiello

Orientador: Odair Furtado

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Faculdade de Psicologia

Profissionais do sexo e auto-imagem na cidade de São Paulo

Trabalho de Conclusão de Curso realizado como
exigência parcial para graduação no curso de
Psicologia, sob orientação do Prof. Dr. Odair
Furtado

Ana Luiza S. Fanganiello

São Paulo
2008

AGRADECIMENTO

Primeiramente aos meus familiares Pais Carmo e Carmen Fanganiello e irmão Rafael Fanganiello, que amo e estão sempre presentes em todas as minhas escolhas e me apóiam incondicionalmente.

Maria Alltenfelder, que sua generosidade sempre me acompanhou e colaborou para produção e transformação do trabalho.

Alexandre Saadeh que me apresentou e me tornou uma amante do psicodrama e que acreditou em mim, mesmo quando nem eu estava acreditando.

Bete Montagna, Cris Rosenthal, Ciça Vilhenha e Ana Laura Schliemann, que foram minhas professoras queridas e muito importantes na minha formação.

Renata Paparelli e Fabio Oliveira, que estiveram dispostos a embarcar em todos os projetos e devaneios tornando tudo possível

Odair Furtado, que me tranqüilizou às vezes até demais e que embarcou em um desafio de supervisionar um trabalho que mudou ao longo do tempo.

Fábio Widman, que durante todo este ano me confortou e esteve ao meu lado tornando tudo mais agradável.

E a todos que participaram desta pesquisa.

Muito obrigada.

Ana Luiza Silva Fanganiello. Profissional do sexo e auto-imagem na cidade de São Paulo, 2008

Orientador : Odair Furtado

Palavras-chave: psicodrama, profissional do sexo, prostituição, travesti

Resumo

O presente trabalho teve como objetivo analisar a auto-imagem das profissionais do sexo da cidade de São Paulo, tanto travestis quanto mulheres. Utilizando o método psicodramático (teoria de J. L. Moreno) como forma de entrevista, foram coletados os dados para posterior análise dos resultados. Esta idéia foi desenvolvida por meio de leituras da autora sobre o assunto “profissionais do sexo” e por experiências vividas em estágios na área da saúde do trabalhador, durante a faculdade.

Este trabalho visa discutir e levantar questões sobre o preconceito que gira em torno desta profissão e que está presente na sociedade. Há também um pequeno recorte histórico dessa profissão para melhor entendimento de sua evolução ao longo do tempo, bem como a mudança com relação ao preconceito sobre ela.

Sumário

| | |
|---------------------------------|----|
| Introdução..... | 6 |
| Psicodrama..... | 9 |
| A história da prostituição..... | 11 |
| Ser prostituta..... | 20 |
| Método da pesquisa..... | 26 |
| Dados dos sujeitos..... | 31 |
| Dados da entrevista..... | 34 |
| Análise..... | 41 |
| Conclusão..... | 45 |
| Referência bibliográfica..... | 47 |

INTRODUÇÃO

A partir de uma intervenção no Centro de Orientação e Aconselhamento Sorológico (COAS) localizado no Centro de Saúde Pinheiros, na cidade de São Paulo, tive muito contato com profissionais do sexo. Essas profissionais mostravam que havia uma necessidade de escuta maior do que a permitida no aconselhamento, muitas falavam sobre sua vida pessoal e as demandas subjetivas do trabalho. Embora também estivesse ligado à prevenção, o ambiente de aconselhamento era restrito à testagem e às preocupações de comportamentos de risco e questões mais imediatas da testagem, como a janela imunológica.

Foi neste contexto que pensei em um grupo de profissionais do sexo para conversar sobre o trabalho e seu impacto subjetivo.

Esta intervenção foi realizada em um bordel no Largo de Pinheiros e está descrita na íntegra no artigo “Intervenção em saúde do trabalhador com profissionais do sexo”¹.

A partir desta intervenção muitas questões foram levantadas, entre elas a auto-imagem da profissional do sexo, que aparecia tanto na figura de mulher pecaminosa, como na de mulher de família que sofre por seus familiares e não é reconhecida, entre outras características que serão discutidas ao longo do trabalho. Este enfocará a questão do preconceito social e o conceito que elas fazem das outras profissionais do sexo.

Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, 2008, vol. 11, n. 1, pp. 99-108.

A partir de outra intervenção feita em um encontro no Centro de Referência da Diversidade da cidade de São Paulo, o contato com profissionais do sexo-travestis foi muito maior e foi possível observar a importância de estudar estas profissionais.

A travesti (como este trabalho foi feito com travestis femininas, ao longo do texto será utilizado o artigo feminino para designar estes sujeitos) é vista como figura de estudo de fenômenos sociais, como a transformação de gênero e questões sobre a marginalização. Porém há poucos estudos sobre como elas se colocam na sociedade, o que elas pensam a respeito do preconceito e mesmo especificamente sobre a travesti profissional do sexo.

Com este trabalho pretendo pensar como a questão da auto-imagem é compreendida pelas profissionais do sexo, travestis e mulheres. Conforme as intervenções realizadas no Centro de Referência da Diversidade de São Paulo e no Largo de Pinheiros também na cidade de São Paulo, algumas questões a respeito da imagem da profissional do sexo ficaram confusas. Muitas vezes elas se mostravam próximas de uma imagem de mães de família que sofriam buscando nesta profissão apenas sobreviver e alimentar seus filhos, e outras como pessoas carentes que buscavam, além de seu sustento, um companheiro e afeto. Já as profissionais do sexo travestis falam muito sobre a forma de se colocar no mundo, como se o único meio de trabalho fosse ser profissional do sexo. Há o lado de auto-sustento que justifica a profissão e também neste grupo a questão do prazer fica muito distante da realidade profissional. É diferente da profissional mulher o fato de a travesti estar a todo momento sendo vista como tal, logo como profissional do sexo (como será discutido ao

longo do trabalho). Nesta condição, portanto, é constantemente vítima de agressões. Diferente da mulher que se camufla quando não quer ser reconhecida como profissional do sexo - mas mesmo assim pode ser alvo de preconceito e discriminação - a travesti depende da super-exposição para garantir a sua condição de trabalho. Acrescente a isso o fato de a travesti ter a rua como seu local quase exclusivo de trabalho.

Pouco é estudado sobre profissionais do sexo na área da psicologia. Quando foi feito o levantamento bibliográfico havia poucas pesquisas sobre esta área profissional. Principalmente quando colocamos esta profissão como um trabalho como outro qualquer. Apenas na área da saúde, especificamente em prevenção de HIV, temos este tema bastante presente.

A profissional do sexo ainda é excluída e pouco olhada pela sociedade brasileira, ainda está envolta em uma “hipocrisia democrata” que legaliza a profissão, mas torna todo entorno ilegal, inviabilizando a prática profissional.

Entendo que o estudo da auto-imagem seja uma forma de compreender o trabalho e a subjetividade nele produzido.

O objetivo deste trabalho é entender como a profissional do sexo se vê dentro da sociedade e como ela acha que é vista pela sociedade, buscando compreender a auto-imagem delas e assim entender melhor as vulnerabilidades deste trabalho.

PSICODRAMA

Para isto utilizarei o psicodrama como método de pesquisa e análise, pois este método se mostrou bastante adequado para a linguagem dos sujeitos desta pesquisa. Posso afirmar isto por pesquisas estudadas anteriormente e trabalhos com esta população em que a ação se mostra mais efetiva que a pesquisa tradicional. Ao longo do trabalho falarei com mais profundidade sobre o método do psicodrama para a entrevista e para a análise. Esta pesquisa será embasada pelo psicodrama que tem como pai o autor J. L. Moreno.

Psicodrama é uma linha da psicologia que tem como objetivo desenvolver e trabalhar a espontaneidade através da ação. "Drama em grego significa ação ou coisa feita (...) O psicodrama pode ser definido como a ciência que explora a "verdade" por métodos dramático" (Moreno 1997:17). Mas vale lembrar que o foco do psicodrama está na ação, o que difere de ser uma técnica corporal: "o psicodrama trabalha com a ação (ação-drama), estando o corpo mais exposto que nas técnicas verbais" (Bustos 1982:22). O psicodrama surgiu como uma alternativa à psicanálise principalmente para lidar com questões de grupo, terapias grupais.

J.L. Moreno conheceu Freud em Viena na faculdade de medicina, durante um período de sua vida estudou psicanálise e a esta abordagem fez muitas críticas, principalmente com relação à terapêutica verbal e estática como única forma de análise. "Um indivíduo em sua rotina diária pode estar limitado a um pequeno número de papéis e situações" (Moreno,1997:281). Moreno em um

dos seus estudos mais famosos trabalhou com um grupo de prostitutas de Viena e conseguiu bons resultados, como a organização delas em um sindicato e a busca por uma identidade grupal.

A partir destas afirmações, podemos concluir que as profissionais do sexo, ao se colocarem em novos papéis dentro da situação de trabalho através do psicodrama, nos mostram muito mais sobre a visão de si e do outro do que se mantivéssemos a estrutura de pesquisa tradicional. É pelo olhar do outro que podemos perceber os nossos próprios comportamentos. A ação psicodramática entra onde a fala se perde: “o objetivo da ação é reabrir a significação do nível simbólico de comunicação, nunca prescindir o mesmo” (Bustos, 1982:31).

Atualmente o psicodrama é utilizado em vários contextos, um deles é como método de pesquisa. Há muitas nomenclaturas para a atuação psicodramática, como psicodrama terapêutico, sociodrama, axiodrama, desempenho de papéis ou role-play, psicodrama analítico, entre outras modificações. A técnica que está presente nesta pesquisa é um psicodrama e a nomenclatura que mais se aproxima seria um psicodrama do tipo confessional, pois tem o objetivo de trabalhar um grupo específico de trabalhadoras profissionais do sexo. Segundo Moreno, o psicodrama confessional seria aquele em que “as pessoas presentes foram encorajadas a passar ao ato seus próprios problemas” (Moreno, 1997: 382).

História da prostituição

A partir da história da prostituição buscarei contextualizar como, ao longo do tempo, essa profissão se modificou e como o preconceito sobre ela aumentou, entendendo que conhecer seu lugar na Antiguidade e na Idade Média é fundamental para compreensão do que seja atualmente a prostituição.

Na Antiguidade, em algumas sociedades, a prostituição era praticada como algo que fazia parte de um ritual de passagem de meninas quando atingiam a puberdade. A literatura nos mostra que esta profissão era tratada de maneira diferente, conforme os diferentes lugares estudados.

No antigo Egito, Grécia e região da Mesopotâmia as prostitutas eram vistas como sagradas, pessoas que faziam parte de rituais e recebiam em troca de seus favores sexuais objetos e presentes. Já em Atenas, a mulher não prostituta era vista tendo como única função procriar e cuidar dos filhos. O prazer estava restrito aos homens e a prática do sexo freqüentemente se dava em um relacionamento homossexual. Apesar disso, o homossexualismo (homossexualismo não é o termo correto atualmente, pois denota preconceito; porém, como na época era assim que era tratado, mantereí o termo para contextualizar melhor as datas) não era bem aceito, pois entendia-se que os homens deviam se relacionar com mulheres. Nesse contexto, Solon, legislador ateniense, cria o bordel estatal procurando garantir um lugar possível para a satisfação sexual dos homens com mulheres. Esse fato não é ainda comprovado por historiadores por não haver decretos oficiais

contendo estes dados, mas há muitos indícios indicando que este acontecimento é verídico.

Assim, as prostitutas tinham o papel fundamental de serem as detentoras do prazer carnal, a “cura” para o homossexualismo, ganhando, desse modo, a função de amenizar e prevenir desgraças e desordens. Esta “cura” é diferente da visão atual que trata o homossexualismo como doença. Na Antiguidade as relações homossexuais não eram opções sexuais e sim formas culturais de relação, em que os homens se relacionavam com outros homens, pois as mulheres eram inferiores e não dignas, como os escravos. As mulheres que trabalhavam nessa prática em geral chegavam a tal casa por intermédio de mercadores de escravos, que davam uma educação para a prática da prostituição, pois assim garantiam um preço mais elevado pela “mercadoria”. Contudo, os bordéis cobravam uma taxa para entrar. Com o passar do tempo essa prática se descola apenas do interior dos bordéis e do trabalho das escravas, pois outras mulheres da sociedade ateniense começaram a trabalhar como prostitutas. A partir daí podemos identificar a criação de três diferentes grupos de prostitutas. O primeiro grupo, formado pelas dicteriades, eram as escravas que trabalhavam nos bordéis e eram desprezadas, pagavam um imposto sobre o seu trabalho mais caro que as outras e estavam subordinadas aos funcionários de baixo escalão. O segundo grupo era formado pelas auletrides, dançarinas e tocadoras de flautas; eram as prostitutas mais procuradas pelos homens atenienses, pois elas eram alegres e festivas e até mesmo seus codinomes faziam alusão a elementos agradáveis, como pássaros e perfumes. No terceiro grupo

estavam as hetairas, cortesãs que freqüentavam as altas cúpulas de intelectuais e tinham grande respeito social. Essas eram conselheiras:

os gregos queriam significar com hetairas qualquer coisa como “amiga”, como “companheira” e exatamente como tais sem qualquer disfarce. Cartas de hetairas ainda conservadas, assim como inúmeros testemunhos históricos, revelam-nos a existência de numerosas ligações sólidas entre hetairas e atenienses que não poderia ser explicada apenas sob o prisma do sexo (Bassermann 1968: 25).

Bassermann (1968) e Rossiand (1991) relatam que, na Idade Média, o saber está restrito ao alto clero cristão, que julga a mulher como pecadora e o prazer sexual como pecaminoso. Nesse período, a mulher era submissa e não tinha direito a nada. A partir dessa visão do cristianismo, a prostituição fica renegada e expulsa da sociedade a partir dos preceitos cristãos. A mulher nessa época era o pecado, comparada a Eva, que teria levado Adão a cometer o pecado original. A ela caberia apenas ser companheira do homem e a ele servir, sendo que o prazer sexual fazia parte do universo masculino, ao qual a mulher não tinha acesso. O cristianismo declara guerra ao mundo antigo romano, pagão e sensual. As mulheres prostitutas são vistas como a escória da sociedade e comparadas aos bandidos e assassinos; mas ainda assim, a mesma sociedade lhe dava comida por caridade e não as matava por humanidade.

A concepção social de que as prostitutas que exercem a profissão por prazer são condenáveis e as que o fazem por necessidade financeira de sobrevivência são mais aceitáveis tem sua origem na Idade Média. Segundo Rossiand (1991) há uma distinção:

“Entre a mulher luxuriosa em busca do prazer (serva do mal) e a estrangeira pobre que trabalha com seu corpo para sobreviver, piedoso receptáculo do ardor inevitável dos solteiros. (Rossiand 1991:139)”.

É desta época também a idéia de que os bordéis são os protetores do casamento, que mantêm asseguradas as virgens e esposas da sociedade.

Para os germanos as escravas eram prostitutas e eram comercializadas pelos mesmos mercadores de cavalos. Na Itália os impostos e lucros arrecadados com a prostituição faziam com que houvesse vista grossa da igreja com relação ao pecaminoso ato do prazer.

Até o principio do século XVI as tentativas repressoras são raras, efêmeras e ineficazes. Prostitutas públicas e mulheres secretas infiltravam-se em todos os lugares e se instalavam tanto em bairros luxuosos quanto na periferia. (Rossiaud 1991: 23).

As raparigas errantes, como em alguns momentos são chamadas na obra de Bassermann (1968), produziam lucro para a cidade através dos impostos, mas para isto elas deveriam estar em um local fechado onde houvesse um controle sobre estes lucros. Os atos de repressão à prostituição eram apenas em cima das prostitutas de rua que não pagavam impostos e não geravam lucro nem para o governo nem para igreja. Então aparecem os bordéis com características que são semelhantes aos de hoje. Em meados da Idade Média estas casas deixam de ser apenas para soldados e indigentes e passam a ser freqüentadas pelos homens de bons costumes e boas famílias. Com as casas restringindo o ambiente de atuação das prostitutas, as mulheres virtuosas da sociedade poderiam andar livremente sem se deparar como os rudes modos das raparigas da vida.

Muitos padres mantinham relações com as prostitutas, chegando ao ponto de haver bordéis que eram alugados da própria igreja. Elas ainda mantinham um forte vínculo e tinham muito poder dentro da corte. Isto começou a incomodar a igreja, que viu seus interesses prejudicados por estas mulheres. Outro incômodo dava-se segundo Rossiaud pelo fato dos homens saírem de seus leitos matrimônios para as camas do meretrício, ocorrendo com isto um desagrado na moral da igreja e das damas da sociedade.

Esses comentários demonstram a postura rígida e preconceituosa da época, que ainda é observada nos tempos atuais. Por volta do século 1500 a prostituição é vista também como uma forma de rebeldia da mulher. Sendo assim, a instituição do casamento se torna importante uma vez que:

O matrimônio, para o homem um remédio, para mulher uma disciplina; constitui o elemento principal de um sistema carcerário, uma redução à obediência. A desordem pode ser evitada se as filhas obedecem a seus pais e as mulheres, seus maridos. Daí a necessidade de banir os maus costumes do namoro, de conservar as filhas em casa, de deserdá-las quando se rebelam. Se o homem peca ao romper o vínculo, toda transgressão expõe a esposa a uma infâmia perpétua. É preciso que o adultério –feminino volte a ser crime público, publicamente reprimido. (Rossiaud 1991: 134).

A partir destas considerações podemos entender o início da condenação da profissão de prostituta. Porém, mantém-se a prática de casamentos arranjados e do relacionamento cortês, onde ainda havia uma espécie de prostituição regulamentada, uma vez que a mulher era obrigada a se casar por interesses. Mantinha-se, assim, a prática de comercialização da mulher, porém de uma forma velada.

Com o aumento das doenças sexualmente transmissíveis, na Idade Média, a Igreja ganha força em seus dogmas, colocando o sexo como algo digno de culpa: quem praticava sexo era merecedor de doenças como sífilis, entre outras epidemias da época. Transformado o prazer em pecado, as prostitutas são mandadas para as colônias que estavam sendo recém descobertas, como é o caso do Brasil. Vieram para as colônias os ladrões, indigentes, assassinos e prostitutas. Todos eram julgados como indignos de estarem na sociedade européia. A prostituição estava sendo condenada na Europa, e caberia a eles povoar as colônias.

Quando os primeiros descobridores chegaram ao Brasil, logo estabeleceram uma relação de prostituição com as índias, a partir da troca de presentes por favores sexuais. O papel da prostituta européia foi o de povoar a colônia de filhos brancos, porém ainda assim renegados de qualquer direito do império.

A prostituição volta a ser mostrada com poucos pudores pelos escritores e artistas do romantismo, que glorificam e muito falam sobre suas relações proibidas e marginais. Vemos esta íntima relação entre as prostitutas e os poetas românticos no relato sobre “Marina Querini-Benzoni que, após uma vida de comportamento inteiramente livre, ainda veio a conhecer Byron, proporcionando-lhe a bela Guiccioli”.(Bassermann, 1968: 227).

Com a revolução industrial na Europa, as mulheres e crianças se tornam mão de obra barata e muito procurada pelos donos de fábricas. A mão de obra masculina é utilizada principalmente em trabalhos como construções civis e de ferrovias. Esta exploração do trabalho infantil e o advento da mão de obra

feminina gera um aumento do número de desempregados, bem como da pobreza. Junto com o crescimento do número de mulheres trabalhadoras vem o aumento da exploração sexual, havendo muitos casos de mulheres que se submetem a favores sexuais em troca de trabalho nas fábricas ou de aumento de salário. Com isto há um aumento do tráfico de mulheres. Esta exploração só diminui com a intervenção da Liga das Nações, que se mobilizou a fim de acabar com o tráfico e a exploração sexual. No ápice da revolução industrial, a prostituição ficava cada vez mais presente, assim como o alcoolismo, pois nas fábricas não havia emprego para todos. Essas pessoas eram, então, jogadas à marginalidade. Vemos aí novamente o entendimento da prostituição como uma atividade relacionada a problemas sociais que deveriam ser erradicados. Esta cultura tornou-se presente a partir da Idade Média, com o cristianismo e a culpa cristã, como visto anteriormente, mas também por que os bordéis estavam relacionados a vários crimes de assassinatos e atos de violência, bem como à disseminação de doenças como sífilis e gonorréia. Isto fica explícito no seguinte relato: “a sífilis começou a matar o prazer pelo sexo oposto de tal forma que ninguém cogitava de reabrir os bordéis, mesmo depois de cessada a epidemia”. (Bassermann 1968: 232).

Com o passar do tempo e o controle das epidemias, volta a discussão sobre a prostituição. A revolução sexual volta a dar abertura para este debate. Aparecem questões sobre a abolição da profissão e grandes discussões a este respeito são travadas publicamente: “a prostituta se converteu no tema preferido para elucubrações intelectuais e assim se conservou até hoje”. (Bassermann 1968: 313).

No livro “A Tirania do Prazer” vemos uma discussão sobre a questão da revolução sexual como uma forma de abertura da sociedade. Porém “sabemos que, periodicamente, todas as sociedades humanas são atingidas por turbulências revolucionárias, políticas, ideológicas ou religiosas - quase sempre trazem conseqüência no campo da moral sexual” (Guillebaud 1999: 289).

Durante séculos houve a repressão dos prazeres e da sexualidade. Com isto a revolução sexual se tornou fundamental na história da sociedade moderna. Nela vemos uma abertura na questão da sexualidade, há um movimento de não repressão e de ir contra os preceitos cristãos, de culpa, pecado e castigo em torno da sexualidade. Há uma nova forma de relação com o prazer e propriamente o sexo. Porém, mesmo com este movimento, ainda hoje a culpa cristã e a moral rígida, não só cristã como vista também em outras culturas, está fortemente enraizada na sociedade. Em decorrência, o preconceito e a discriminação - não só das profissionais do sexo, como da sexualidade em si – são muito grandes.

A mulher é vista como participante ativa da sociedade, há um movimento de emancipação feminina e, com o advento dos métodos contraceptivos, ela passa a ser “dona de seu corpo” e de seu prazer: “a livre sexualidade é vivida como uma conquista” (Guillebaud, 1999). A sexualidade feminina não está mais relacionadas apenas à função de procriação. Pelo contrário, os desejos das mulheres também são considerados. Porém, isto é o ideal da revolução sexual. Vemos hoje muitas diferenças e inquestionáveis mudanças, porém ainda longe das desejadas pela revolução sexual. Há uma discussão do movimento feminista acerca do que se busca - uma igualdade

com os homens ou a “existência de uma cultura específica” (Guillebaud, 1999: 378).

Temos também nos tempos atuais uma dicotomia entre o prazer tornado quase que obrigatório pela sociedade e a culpa pelo sexo ou pelo próprio prazer. Esta dualidade causa conflitos. Principalmente quando pensamos nas profissionais do sexo. O número de trabalhadoras aumenta com o passar do tempo, mas a culpa e o preconceito continuam presentes no trabalho.

SER PROSTITUTA

A Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), segundo o Ministério do Trabalho, assim classifica a prostituição:

Profissional do sexo - *Garota de programa, Garoto de programa, Meretriz, Messalina, Michê, Mulher da vida, Prostituta, Puta, Quenga, Rapariga, Trabalhador do sexo, Transexual (profissionais do sexo), Travesti (profissionais do sexo)* **Descrição sumária:** Batalham programas sexuais em locais privados, vias públicas e garimpos; atendem e acompanham clientes homens e mulheres, de orientações sexuais diversas; administram orçamentos individuais e familiares; promovem a organização da categoria. Realizam ações educativas no campo da sexualidade; propagandeam os serviços prestados. As atividades são exercidas seguindo normas e procedimentos que minimizam as vulnerabilidades da profissão. (CBO, 2002)

Além de constar na Classificação Brasileira de Ocupações, hoje, no Brasil, ser prostituta é uma atividade legal: qualquer pessoa pode se prostituir.

Porém, essa classificação foi muito criticada, principalmente pela Igreja Católica, que ainda tem muito poder na sociedade brasileira, como formadora de opiniões. Não só a Igreja Católica se manifestou contrariamente à regulamentação da profissão, mas também alguns segmentos sociais alinhados ao movimento feminista, para os quais a profissional do sexo está se colocando na posição de objeto do fetiche masculino, o que seria degradante para a mulher. Muitos consideram a profissional do sexo não digna de leis que

regulamentem a profissão. Essa discussão vai de encontro à subjetividade de cada indivíduo a respeito da própria sexualidade. Como na Inquisição da Idade Média, o tema está associado a um tabu social, repleto de culpas e castigos.

A discussão da legalização da profissão traz à tona a regulamentação do entorno da profissão, como os próprios donos das casas em que essas profissionais atuam - os empregadores que pagariam os tributos fiscais. Sem regulamentar o entorno, a profissão fica inviabilizada. Esse fato pode ser analisado também como um boicote à profissão, sendo a legalização da profissão apenas uma fachada hipócrita social para mascarar o preconceito existente, porém condenado.

No entanto, existem alguns movimentos a favor da regulamentação e da legitimidade da profissional. Cada vez mais surgem movimentos liderados muitas vezes por prostitutas que defendem as atividades da categoria como uma forma de trabalho e discutem como legitimá-lo de maneira justa, sem ignorar as formas de trabalho e os problemas da profissão.

A discussão sobre a prostituição está diretamente relacionada à discussão sobre a sexualidade e como ela é vivenciada hoje (particularmente no Brasil), após a revolução sexual. Há uma ambigüidade de sentimentos que atravessam a questão: de um lado, a liberação e a apologia ao amor livre e ao prazer a qualquer custo; de outro, a tão antiga idéia de pecado e do prazer pecaminoso e sujo. Nesse sentido, podemos observar o tratamento dado à profissional do sexo como uma profissão inferior e suja, mas também constatar que há uma abertura para esta discussão, que anteriormente não era possível. Tal ambigüidade é mostrada pelas próprias profissionais quando falam sobre seu trabalho e os sentimentos que carregam por serem prostitutas. Isso pôde

ser constatado em um trabalho realizado com as profissionais da região de Pinheiros em São Paulo.

Uma discussão a respeito dos fetiches associados a ser prostituta é encontrada no livro “Prostituição: o eterno feminino”, de Calligaris (2005), segundo o qual a prostituição é vista como uma fantasia.

Dentro deste contexto de ser prostituta vemos uma categoria que é a das prostitutas travestis. Estas cumprem outra função de fetiche e fantasias, beirando ainda mais o proibido. Na literatura existe o mito do Hermafrodita, que é metade homem metade mulher:

“Hermafrodito era um deus grego, filho de Afrodite e de Hermes. Este representa a fusão dos dois sexos e não tem gênero definido. Teria nascido um menino extremamente bonito, que se transformou posteriormente num ser andrógino por haver se unido à ninfa Salmacis.” (In:<http://pt.wikipedia.org/wiki/Hermafrodito>)

Este mito pode ser comparado à busca de identidade travesti.

Muitas procuram outras formas de sobrevivência, mas é na prostituição que encontramos a maioria das travestis, principalmente as de baixa renda e baixa escolaridade.

As travestis profissionais do sexo trabalham em locais públicos nas ruas, e não ficam em bordéis, embora, assim como as profissionais mulheres, também obedeçam a um serviço de cafetinagem. Normalmente trabalham na rua e falam em muitos momentos um linguajar próprio. Como “aquento”, que significa preservativo, vem do italiano (segundo uma travesti entrevistada nesta

pesquisa) e teria vindo para o vocabulário pelas travestis que foram para a Europa em busca de outras condições de trabalho e acabaram voltando para São Paulo. Outra palavra é “maricas”, que significa cliente e, neste caso, nota-se uma espécie de “vingança” das travestis (profissionais do sexo) com seus clientes.

Elas passam também por um processo até se tornarem travestis e profissionais do sexo. Este processo gira, inclusive, em torno de sua aceitação e busca de identidade. Como diz Larissa Pelúcio, “ser travesti é algo continuado e sem fim”: começam se identificando com o mundo homossexual, posteriormente fazem pequenas inserções no mundo feminino (mudam o vestuário), as transformações ficam mais profundas, mas continuam graduais (depilam os pelos corporais, mudam os cabelos), até que se assumem mulheres. Todas estas transformações são lentas e fazem parte da identidade que elas vão assumindo, porém o órgão sexual permanece e não é descuidado (como seria para uma transexual), pois ele faz parte de seu instrumento de trabalho e porque muitas fazem esta transformação durante a noite, mas durante o dia se apresentam como homens.

Há outras visões sobre a travesti. Temos hoje a aceitação de uma grande variedade de identidades de gêneros, como podemos ver na classificação de Docter, citada na tese de doutorado Saadeh (2004:27), a qual caracteriza dez tipos diferentes de transvestismo.

Temos sumariamente descritas pelo movimento LGBTTT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais) os travestis e transexuais. Estas seriam as divisões básicas para compreensão deste trabalho.

Segundo a I CONFERÊNCIA ESTADUAL LGBTT a diferença entre travesti e transexual é

“transexual: pessoa com identidade de gênero que se caracteriza por uma afirmativa de identificação, solidamente constituída e confortável nos parâmetros de gênero estabelecido masculino ou feminino, independente e soberano aos atributos biológicos sexualmente diferenciados (...) A transexualidade também pode, eventualmente, contribuir para o indivíduo que a vivencia , cirurgicamente seus atributos físicos (inclusive genitais) de nascença para que os mesmos possam ter correspondência estética e funcional à vivência psico-emocional da sua identidade de gênero.” (Gov. do Estado de São Paulo 2008: 25)

A definição para travesti na mesma conferência é:

“Travesti: pessoa que nasce do sexo masculino ou feminino, mas tem sua identidade de gênero oposta ao seu sexo biológico, assumindo papéis de gênero diferentes daquele imposto pela sociedade. Muitas travestis modificam seus corpos através de hormonioterapia, aplicações de silicone e ou plásticas, porém vale ressaltar que isto não é regra para todas.” (Gov. do estado de São Paulo 2008: 26)

Temos discussões teóricas a respeito das duas classificações. Uma delas se faz através da psicanálise, que classifica a questão de gênero como uma identificação com o gênero oposto na primeira infância: “no caso de transexuais masculinos, seu 'destino transexual' foi estabelecido na infância,

talvez no primeiro ano de vida, que a tendência de se comportar como menina manifestou-se antes dos três anos de idade.” (McDougall, 1997:44).

Há muita discussão em torno deste assunto, mas este trabalho visa apenas fazer um pequeno panorama para contextualizar a pesquisa e para melhor compreensão dessa.

MÉTODOS

O psicodrama se mostra uma forma eficiente e adequada para coletar informações junto a esta população, uma vez que é um método que sai da forma verbal e parte para uma ação concreta. “Psicodrama é a teoria que sai do estático para a ação, do indivíduo para o coletivo” (Cordeiro, 2002:36). É também uma forma que valoriza o processo criativo do indivíduo, sendo as profissionais do sexo uma população que, por seu contexto de vulnerabilidade, exige novas formas de abordagem e aproximação, o psicodrama utilizado como técnica de entrevista (que pode ser uma de suas formas de intervenção) foi o método mais adequado, no meu entendimento, para esta tarefa.

“Para Moreno, o indivíduo é concebido e estudado através de suas relações interpessoais” (Gonçalves, 1988:41). Portanto, é no grupo que as relações sociais se explicitam.

O grupo foi priorizado como forma de estrutura da entrevista, pois na teoria moreniana é nele que as tramas e as redes sociais se mostram. Outra questão que justifica a opção é o entendimento de que, por meio da interação entre os sujeitos, a imagem da profissional do sexo será melhor analisada, uma vez que os sujeitos podem projetar no outro características que não atribuiriam a si mesmos, ou mesmo defender ou atacar certos pontos de vista que o outro demonstra. Compreendendo também que o papel social exercido por estas profissionais é constituído, incluindo o olhar do outro, portanto para melhor análise da auto-imagem é importante colocar os sujeitos em relação com o outro.

Papel social na teoria psicodramática é “à dimensão da interação social” (Gonçalves:1988,71). A divisão entre o papel social e o papel psicodramático é que os papéis sociais estão diretamente ligados à realidade externa do indivíduo: “Nos papéis sociais opera predominantemente a função da realidade” (Gonçalves:1988,71). Já os papéis psicodramáticos fazem a relação interna do eu: “A função psicodramática é a contrapartida da função da realidade” (Gonçalves:1988,71).

Esta pesquisa é qualitativa e foi feita com cinco sujeitos, todas travestis e profissionais do sexo da cidade de São Paulo, que trabalham na área central da cidade. A princípio seria feito um grupo com quatro sujeitos, dois travestis e duas mulheres, porém não houve esta disponibilidade de sujeitos. As mulheres indicadas por profissionais do sexo que fizeram trabalhos anteriores com a pesquisadora não se disponibilizaram para a entrevista. Foram feitas cerca de cinco tentativas com diferentes sujeitos e as respostas não foram diretamente negativas, porém os contatos eram muito difíceis, às vezes por conta do telefone indicado estar desligado ou fora de serviço, outras porque as mulheres contactadas não poderiam comparecer no horário sugerido para a entrevista. Mesmo frente a propostas de modificar o horário, não manifestavam efetiva vontade de participar. Portanto, as entrevistas foram feitas apenas com travestis, sendo duas entrevistas em duplas e uma individual.

As entrevistas foram feitas em locais públicos no centro de São Paulo, próximo ao local de trabalho destas profissionais, para maior comodidade delas e conseqüentemente maior adesão dos sujeitos à pesquisa. Como forma de entrevista foram usadas a metodologia psicodramática, contando com uma

diretora e um ego auxiliar. A presença do ego auxiliar se faz necessária neste tipo de entrevista por dois motivos, segundo a teoria moreniana:

“na situação psicodramática o ego auxiliar tem duas funções, a de retratar papéis e a de guia (...) a primeira função é a de retratar o papel de uma pessoa requerida pelo sujeito, a segunda função é a de guiar o sujeito mediante o aquecimento preparatório” (Moreno, 1997:109).

Nesta pesquisa, o ego auxiliar teve também a função de ajudar no processamento e lembrança dos dados da entrevista. As três funções descritas acima foram executadas pelo ego auxiliar durante a pesquisa.

Por questões éticas, não será revelado o local exato da coleta de dados, apenas apontamos que foram feitas em locais públicos da região central da cidade de São Paulo.

Os sujeitos foram contactados através do Centro de Referência da Diversidade da cidade de São Paulo e por profissionais do sexo que trabalham com esta população como agentes de saúde e como profissionais do sexo. Algumas das profissionais entrevistadas fizeram parte da intervenção realizada pela autora no Centro de Referência.

Foi feito um encontro com cada dupla, de aproximadamente 1 hora e 30 minutos. Já a entrevista individual teve a duração de 1 hora.

O psicodrama, como metodologia utilizada na entrevista, foi feito com quatro etapas básicas: aquecimento inespecífico – pediu-se que as participantes

falasse como entraram nessa profissão, como estavam se sentindo no momento e questões que os próprios sujeitos gostariam de trazer; aquecimento específico - foi pedido que fechassem os olhos e pensassem a respeito da profissão, neste momento não houve conversa entre os participantes; dramatização – foi pedido que fizessem uma cena ou imagem que representasse como elas se sentiam com relação à sociedade, como olhavam para a sociedade e eram olhadas por ela (sociedade); e por fim o compartilhar – algumas perguntas foram previamente formuladas para garantir que as questões sobre a auto-imagem fossem contempladas (roteiro de pesquisa em anexo). Foi perguntado também às participantes como foi fazer a dramatização e falar sobre ser profissional do sexo, proporcionando neste momento uma discussão sobre a profissão. Estas etapas da pesquisa estão descritas abaixo.

A priorização do grupo como forma de estrutura da entrevista foi eficaz, pois também na teoria moreniana é nele que as tramas e as redes sociais se mostram. Outra questão que justifica a opção é o entendimento de que, por meio da interação entre os sujeitos, a imagem da profissional do sexo será melhor analisada, uma vez que os sujeitos podem projetar no outro características que não se atribuiriam a si mesmos, ou mesmo defender ou atacar certos pontos de vista que o outro demonstra. Compreendendo também que o papel social exercido por estas profissionais é analisável a partir do olhar do outro, para melhor análise da auto-imagem é importante colocar os sujeitos em relação um com o outro.

A participação na pesquisa foi feita de forma voluntária e os envolvidos assinaram termos prévios de consentimento. Não foram usados gravadores ou

câmeras. A entrevista está descrita a partir das lembranças da entrevistadora e do ego auxiliar. As cenas ou imagens feitas pelas participantes para demonstrar a visão da sociedade e das profissionais do sexo a respeito da própria profissão serão descritas abaixo.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética de Pesquisa da Universidade Católica de São Paulo, na área da Psicologia. (A carta ao comitê de ética, o termo de consentimento e o termo de compromisso do pesquisador que são exigidos pelo Comitê de Ética estão em anexo).

Dados dos Sujeitos

As entrevistas foram feitas uma individualmente e duas entrevistas em duplas. Todas as participantes são profissionais do sexo e travestis. Três participantes são freqüentadoras do Centro da Diversidade da cidade de São Paulo (local no centro da cidade freqüentado principalmente por profissionais do sexo masculinos e travestis, ligado a Secretaria de Assistência Social da prefeitura de São Paulo e à ONG Pela Vidda, que faz trabalhos de prevenção de HIV. E duas são profissionais do sexo que foram contactadas através de atividades anteriores promovidas pela pesquisadora. Segue uma breve descrição das participantes da pesquisa, na ordem das entrevistas.

M., 39 anos, é profissional do sexo há 20 anos. Morava no Mato Grosso do Sul, saiu de casa aos 18 anos e veio para São Paulo, pois acreditava que aqui teria mais oportunidades e que ganharia mais dinheiro do que em sua cidade natal. Tem o segundo grau completo, queria ser estudante de arquitetura, mas se identificava com as travestis e era homossexual. Acha que o único emprego que poderia ter sendo travesti é profissional do sexo:

“prostituta não é opção. É a única coisa que um travesti pode ser”.

Foi a única que não fez entrevista em grupo, pois não se sentiu bem com a possibilidade:

“não conheço estas pessoas que estão aqui, não quero que elas saibam sobre minha vida” (se referiu às pessoas do centro da diversidade).

Está há um mês sem consumir drogas ilícitas e relaciona o consumo da droga com a profissão. Diz que sem a droga não daria para ser profissional do sexo, “A droga foi fundamental na profissão. Primeiro, os clientes não querem a

gente careta, pagam até mais para cheirarmos ou fumarmos (crack) com eles. Segundo, para agüentar aquele cara fedido, suado e feio transando com você, só com a droga mesmo. Com ela tudo fica melhor”.

A., 15 anos, é profissional do sexo há um ano. Saiu de casa aos 14 anos pois os pais não aceitavam sua condição de homossexual. Morava no Piauí e veio para São Paulo em busca de dinheiro e “dois seios”. Diz querer ter condições financeiras para se “transformar” e voltar para casa, mas não tem carteira de identidade e ainda não está segura se quer ser travesti:

“não sei se estou pronta ainda, não sei se me aceito”.

Apresentou-se com o nome masculino e posteriormente mostrou a foto de sua identidade feminina:

“sou assim na noite, não estou pronta para enfrentar a sociedade”.

Fez a entrevista acompanhada por S., 25 anos, que é profissional do sexo há 12 anos e veio da Bahia aos 15 anos. Para ela, em São Paulo teria uma vida melhor e “mais privacidade”. Não relatou problema com a família, falou que sua mãe aceita sua condição de transexual (foi a única que manifestou vontade de fazer cirurgia para transformação dos órgãos sexuais). Diz estar buscando meios para fazer a cirurgia, pois não quer mais ter órgãos masculinos:

“me sinto mulher. Só falta este detalhe”.

Nenhuma das duas relatou uso de entorpecentes durante a atividade profissional.

T., 34 anos, é profissional do sexo há 15 anos, saiu de casa com 16 anos. Aos 7 já sentia que era diferente dos outros meninos:

“já sabia que eu era gay, mas ninguém aceitava ainda”.

Veio do nordeste, saiu de casa para vir a São Paulo a fim de ganhar dinheiro “poder realizar meus sonhos” ter casa própria, e ajudar a família financeiramente. Faz parte de um grupo de agentes de saúde do centro de São Paulo que ajuda na prevenção de DSTs. Trabalha como garçom em um bufet infantil há 18 anos. Não colocou silicone e, sintomaticamente, se identificou (no termo de consentimento) com o nome original masculino. Diz que é muito difícil ser travesti e ter um emprego formal. Se tornou profissional do sexo:

“para ter uma renda a mais”.

Com ela estava A., 43 anos, profissional do sexo há 29 anos, desde que saiu de casa. Relata sua saída de casa como “o primeiro vínculo a ser rompido”. Também veio do nordeste acreditando que aqui teria melhores condições de vida e ganharia mais dinheiro. Atualmente é militante do movimento LGBTTT e também faz parte do grupo de agentes de saúde do centro de São Paulo. Também se identificou (ao preencher o termo de consentimento) com o seu nome masculino. Ambas relataram que não fazem uso de drogas ilícitas e de álcool:

“nesta profissão você tem que saber o que está fazendo, para não se colocar em condição de vulnerabilidade”.

Com esta frase justificou o não consumo de álcool e outras drogas.

Dados da Entrevista

Em conformidade com a metodologia psicodramática, farei a descrição respeitando as etapas da entrevista que são: aquecimento (inespecífico e específico), dramatização e compartilhar.

AQUECIMENTO INESPECÍFICO: (etapa de preparação para a atividade) com todas as participantes o início da entrevista foi através de falas sobre a pesquisa. Nesta etapa nos apresentamos e foi mostrado, lido e assinado o termo de consentimento, esclarecendo dúvidas sobre a pesquisa. Realizamos um início de conversa sobre a atual condição de trabalho, a idade de início na profissão, os motivos de saírem de casa e os de se tornarem profissionais do sexo.

Nesta etapa todas falavam muito sobre suas experiências como travestis e homossexuais. As falas se assemelham quanto à idade de descoberta da diferença e da época que saíram de casa:

“Aos 13 anos fui para a rua, durante a noite via as travestis montadas trabalhando, ganhando dinheiro e você perdida, pergunta a uma delas como é...começa se montado com uma peruca emprestada, uma roupa bonita, vai para esquina e ganha algum dinheiro” A.43.

As cinco entrevistadas relataram também que não são da cidade de São Paulo, vieram para cá em busca de melhores oportunidades financeiras e fugir do preconceito nas cidades natais. Esta fato pode ser compreendido pelo anonimato que a cidade de São Paulo garante às pessoas que nela vivem e por estarem em uma cidade grande e distante das famílias de origem.

AQUECIMENTO ESPECIFICO: (preparação específica para a atividade dramática) nesta etapa todas as entrevistadas deveriam fechar os olhos e pensar sobre sua profissão, como eram vistas pela sociedade, como elas olhavam para a sociedade. Durante esta etapa da entrevista, seguindo a proposta inicial, apenas a pesquisadora deveria falar. Duas entrevistadas não conseguiram se manter em silêncio ou mesmo de olhos fechados. M. 39 e A. 43 perguntaram muitas vezes se poderiam abrir o olho e falar. Mesmo ainda não tendo terminado a proposta, M.39 abriu os olhos e falou sobre sua experiência (posteriormente percebi que ela poderia ter ficado mais tempo no aquecimento inespecífico para entrar melhor na segunda etapa). Continuei a perguntar sobre a profissão e o olhar da sociedade, mesmo com ela de olhos abertos. Porém com A.43 houve uma insistência para que ela mantivesse os olhos fechados e apenas pensasse nas questões que estavam sendo propostas.

DRAMATIZAÇÃO: (etapa em que há a ação posta no início da entrevista) os participantes deveriam formar cenas ou imagens que representassem a forma que a sociedade olha para a profissional do sexo e como elas profissionais do sexo olham para a sociedade. Esta etapa foi diferenciada em cada dupla e na entrevista individual.

M.39 se levantou, porém reclamou que sofreu um AVC (acidente vascular cerebral) e que tinha dificuldade para se movimentar. Sua imagem era a de uma mulher sensual que andava pelas ruas e todos a desejavam:

“Mesmo no albergue que eu moro agora, eu ando e todos ficam mexendo comigo, todos os dias ganho uma carteira de cigarro, bilhetes de admiradores.

Na rua todo dia pára carro para perguntar o programa, mas agora eu não estou mais fazendo sexo pelo dinheiro”.

Esta imagem de objeto de desejo sexual ficou muito evidente ao longo da entrevista. Relatou que não está fazendo programa há um mês pois está fazendo tratamento para deixar a dependência da droga (crack) e que fazer programa estava diretamente associado ao consumo (como relatado acima na descrição dos sujeitos).

S.25 e A.15 fizeram a cena de uma profissional do sexo em uma esquina, perto de uma igreja (pois trabalham em uma região perto de igreja). Nessa dramatização passa uma senhora segurando um terço, olha para a profissional do sexo e diz: -vai trabalhar sua vagabunda, que pouca vergonha! Em seguida, cospe no pé da profissional e vai embora.

Esta cena foi repetida algumas vezes, mudando apenas os lugares de cada participante. Quando S.25 ficou no lugar de profissional do sexo exclamou “se eu tivesse uma mangueira, eu molhava ela”. Posteriormente relatou agressões muito maiores sofridas por ela na rua. A.15 falou que fica mais escondida para fazer o trabalho “ pois se me pegarem já era, eu sou menor, não posso estar na rua fazendo programa” então relata que já vivenciou momentos de agressões como este, mas com menos intensidade (ela esta trabalhando apenas há um ano). Durante a cena, as duas riram bastante e estavam descontraídas, relataram também que sofrem agressões dos próprios clientes, “mariconas”. Quando usaram esse termo para designar o cliente, surgiu um sorriso no rosto de A.15, como se utilizassem esta denominação para se vingar deles.

A dramatização feita por A.43 e T.34 foi a mais simbólica, A.43 construiu a cena. A sociedade seria uma ave de rapina que voava e atacava com garras

voltadas para baixo para ferir a outra ave menor e indefesa, que estava pegando seus peixes na beira de um rio. Esta ave menor simbolizava as travestis profissionais do sexo. Durante a representação, A.43 fez os dois papéis. No momento em que era ave indefesa olhava para o céu e para os peixes, não se importava muito com a ave de rapina que a estava atacando e tentando tirar seu sossego. Mas quando houve a inversão de papéis e T.34 fez a ave indefesa, A.43 se mostrou muito agressiva, puxava a outra ave e impedia de todas as maneiras que a outra ave ficasse quieta, chegando a falar “vou matar este passarinho”. T.34 se colocou em uma posição submissa e chegou a sentar e parou de participar da cena. Em seguida todos sentamos e discutimos o que havia acontecido.

COMPARTILHAR: (cada participante compartilha suas experiências e emoções que ficaram latentes durante a cena vista ou participada, como cada um se identificou com a dramatização e quais suas impressões sobre a atividades)

Neste momento todas falaram muito sobre suas experiências como profissionais do sexo, porém não houve uma separação entre a condição de profissional do sexo e a de travesti. Todas fizeram o mesmo comentário sobre a falta de emprego para travesti e o fato de que a travesti não tem como disfarçar para a sociedade suas preferências ou mesmo sua profissão:

“Quando olham para nós, travestis, já pensam que somos prostitutas”, M.39.

Outra fala que evidencia isto:

“Travesti ou é cabeleireira ou é prostituta”, S.25.

A agressividade da sociedade contra elas também ficou muito explícita, tanto na cena como nesta outra etapa da entrevista. Elas relataram que olhares e

xiingamentos são comuns e que já sofreram várias formas de agressões, como ovos que são arremessados contra elas durante o período de trabalho e mesmo fora dele. Apenas uma relatou que utiliza armas brancas (facas, tesouras e estiletos) para se defender na rua:

“Carrego sempre na minha bolsa, já me salvei duas vezes de ataques destes moleques que chegam de carro em quatro e começam a bater.” S.25.

Outro comentário semelhante foi o de A.43 que falou para T.34:

“Sabe a V. Então, ontem tive que levar ela para o hospital. Estava toda machucada, espancaram ela lá perto de casa, ela faz ponto lá perto agora”.

Estes comentários ficam misturados ao fato de serem travestis e profissionais do sexo. Quando pergunto se estas agressões acontecem apenas por serem profissionais do sexo, todas responderam que não, que sendo travestis ficam muito mais evidentes e vulneráveis.

As mulheres, segundo elas, não sofrem tanto pois não são identificadas como prostitutas:

“Só se a mulher ou o michê (profissional do sexo masculino) andarem com uma plaquinha na testa ou nas costas falando que são profissionais do sexo, mas eles não são tontos de fazer isto”, A.43.

A questão do prazer também foi compartilhada e todas as entrevistadas relatam que não sentem prazer durante o trabalho, fingem gostar para agradar o cliente e manter assim seu trabalho. Esta seria a diferença em ter relação sexual com o namorado ou parceiro afetivo e com o cliente:

“prostituta não pode ter prazer, é o trabalho dela”, S.25.

Com esta fala podemos pensar na cisão necessária entre trabalho e vida íntima. Falarei mais sobre isto na análise dos resultados.

Quando falaram sobre como elas olham para a sociedade, apenas uma se colocou inserida nela afirmando “ eu sou a sociedade”. T.34. Todas as outras se colocaram como vítimas. Três desejavam se inserir novamente e olham como uma vida digna não ser profissional do sexo. Isto fica explícito em falas como:

“A sociedade para mim é o pessoal no metrô voltando para casa às seis horas da tarde. Queria ter a vida como a deles, é tão bonito sair do emprego normal e dormir em casa de noite”, S.25

Ou mesmo a fala de M.39, que está há um mês sem trabalhar como profissional do sexo:

“Estou tentando me inserir novamente, desta vez de uma forma mais digna e mais carinhosa”.

Mas A.43, que faz parte da militância LGBTT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais) falou de um outro ponto de vista. Também não se incluiu na sociedade, mas se colocou de maneira mais crítica ao modo de exclusão que está colocado na sociedade atual:

“Eu olho para a sociedade e vejo que falta cultura, informação. Que há uma sexualidade não resolvida, por isto o preconceito. Se todos fossem bem resolvidos, ninguém iria se importar tanto com a sexualidade alheia”, A.43.

Outra importante consideração que apareceu em quatro falas foi a questão dos direitos e deveres, que a travesti se mostra para a sociedade como agressiva e muitas vezes não respeita o limite do outro:

“não é porque sou travesti que vou andar com uma saínda de quatro dedos mostrado o rabo”, A.43

Falam isto com um preocupação sobre a não aceitação da travesti

“Não gosto destas travas que chegam já gritando, dando escândalo. Quer ser travesti, seja. Ninguém tem nada com isto”, A.15.

Falam também da questão da agressão que muitas acabam cometendo nas ruas, como furtos ou roubos:

“É por causa destas travestis que roubam as pessoas na rua, ou até o cliente, que nós somos mal faladas por ai”, M.39.

A questão de como a sociedade olha para a profissional do sexo foi visto por todas as cinco participantes da pesquisa do ponto de vista da discriminação e o fato de acharem que são vistas como:

“desavergonhadas, vagabundas, vida fácil, que não querem trabalhar”, T.34

Ou mesmo:

“a sociedade nos vê como animais, que vamos passar doenças para eles”, A.15.

Estas falas estão muito ligadas às representações feitas nas dramatizações, em que a sociedade as tratava como seres perigosos e por isto as agredia.

Todas estas frases foram tiradas das falas dos sujeitos da pesquisa durante a entrevista e são fundamentais para a compreensão da análise e conclusão desta pesquisa, bem como são partes fundamentais do trabalho.

ANÁLISE

A partir das entrevistas podemos perceber que não há uma diferenciação efetiva entre ser travesti e ser profissional do sexo. Estes dois papéis estão diretamente relacionados para as entrevistadas.

Uma fator que merece destaque nesta análise é a dificuldade encontrada para fazer a entrevista com profissionais do sexo mulheres. Vemos este fato como a necessidade do anonimato da profissão e a falta de uma identidade grupal dessas profissionais na cidade de São Paulo. Esta discussão foi feita a partir de conversas com representantes do movimento de profissionais do sexo do Rio de Janeiro e com outros profissionais que trabalharam nesta área na cidade de São Paulo.

Com as profissionais do sexo travestis não houve esta dificuldade, uma vez que três delas eram freqüentadoras do Centro da Diversidade e as outras duas eram referências para outras profissionais do sexo no trabalho de redução de danos e prevenção de DSTs. Portanto, as cinco travestis entrevistadas estavam identificadas com um grupo. Poderia analisar a partir do psicodrama utilizando a teoria de papéis com as profissionais que as travestis estavam mais identificadas com o papel de profissionais do sexo. Segundo Moreno, “o papel pode ser definido como as formas reais e tangíveis que o eu adota.” (Moreno,1997:206). No caso dessas travestis, o papel adotado por elas foi o de mulher e profissional do sexo, entre outros, mas apenas estes dois serão analisados neste trabalho.

Em boa parte das respostas dadas na primeira parte da entrevista (aquecimento inespecífico) e mesmo na última parte (o compartilhar) ficou claro

que estavam falando a partir de uma resposta que elas julgavam agradar à entrevistadora e mesmo à sociedade. Certas respostas prontas que se incluem no que elas supõem que a cultura aceita, durante a cena se mostram de outra forma. Um exemplo é a cena em que M. 39 diz que sente que todos a olham com desejo e que ela anda pela rua mostrando suas curvas e gostando deste desejo deferido a ela, porém nas respostas iniciais ela diz que não quer ser vista como um objeto de desejo.

“Encerramos nossa espontaneidade com grades fortes e somos vitoriosos indivíduos angustiados que marchamos com conserva cultural sobre os ombros e que para saber quem somos recorremos à célula de identidade”
(Bustos, 1982: 110)

Com esta frase podemos compreender melhor a dificuldade destas travestis se identificarem, uma vez que a célula de identidade é diferenciada e está marcada por dificuldades de aceitação tanto familiar-social e interna. Como mostra a fala de T.34, “ninguém quer ser travesti, mas nascemos assim” ou mesmo a de M.39 “travesti não é nem homem nem mulher”.

Todas referem o começo de sua transformação em travesti e mesmo a procura pela profissão como uma identificação com outra travesti mais velha, que faria a proteção e as ajudaria a se “montarem” (transformar em figura do gênero feminino). Isto era feito primeiro com empréstimos de perucas, roupas, maquiagem e sapatos de salto alto e posterior transformação do corpo com silicone e terapia hormonal. Assim se realizam como mulher e vão para as ruas buscar trabalho e ganhar dinheiro para o sustento próprio e, em alguns casos, também familiar.

Como a transformação acontece a partir dos 12 e 13 anos, esta foi a idade em que todas as entrevistadas informaram terem saído de casa em busca de uma aceitação e a identidade de seu gênero feminino. E como única forma de trabalho ao alcance, se tornam profissionais do sexo nessa idade. As mulheres (que participaram de outras intervenções) relataram em trabalhos anteriores que a idade que entram na profissão é mais tardia, com 15 e 16 anos.

Todas buscam se parecer com uma mulher: “me fantasio de mulher todos os dias, mas na verdade sou um homem vestido de mulher e gay”, M.39. Esta seria a diferença entre ela travesti e S.25, que busca a transformação de seu sexo para completar sua identificação feminina: “quero fazer a cirurgia, eu sou mulher”, S.25. Esta discussão vem diretamente relacionada ao fato de serem vistas pela sociedade como profissionais do sexo. Elas se identificam com esse trabalho e assim sua identidade de travesti não é diferenciada da condição de profissional do sexo. Não diferenciam quando estão trabalhando ou não. Relatam que mesmo quando andam na rua são abordadas por possíveis clientes. Falam de uma sociedade idealizada como algo a ser venerado e se sentem não inseridas nela.

O olhar que elas têm sobre as próprias profissionais do sexo é que não podem ter prazer. Isto difere das profissionais mulheres, que relatam sentir prazer durante o trabalho e buscam não só o ganho financeiro como também um relacionamento afetivo. Isto pode ser analisado pelo fato das mulheres estarem “seguras” em seus anonimatos (dentro de bordéis) e embora sejam vítimas de violências, são menos expostas a ela do que as travestis (que trabalham na rua).

A violência está presente em todas as falas dos sujeitos desta pesquisa. Não só a agressão física - “já jogaram muitos ovos em mim”, contou S.25, ou quando grupos de garotos batem nelas e vão embora. Há também a agressão verbal: “sempre passa gente xingando”, A.15 e, ainda, o preconceito velado que está presente nos olhares quando elas passam na rua. Nas cenas feitas por elas esta violência está presente em todas, porém nas falas duas fizeram com um discurso de inclusão em contraposição ao discurso de que não há inclusão para travesti, muito menos para profissional do sexo.

CONCLUSÃO

A partir da análise e das entrevistas pudemos verificar que não há diferenciação entre ser profissional do sexo e ser travesti. Há uma linha tênue entre estes dois papéis. Na visão das travestis, a mulher profissional do sexo teria menos problemas para se diferenciar do trabalho. Isto não condiz diretamente com a realidade, um vez que as mulheres também têm artifícios e buscam o anonimato em heterônimos como garantia de preservar a vida familiar-social da trabalhadora.

Outro fator importante que foi visto durante a entrevista e o estudo para pesquisa é que há uma modificação no comportamento destas travestis, existe uma disseminação quanto à cirurgia de mudança de sexo. Esta cirurgia e a identificação como transexual e não travesti parece ser importante para a aceitação social delas. Ou seja, há atualmente uma espécie de inclusão da transexual e, assim, as travestis ficam mais marginalizadas.

A travesti profissional do sexo se vê excluída da sociedade e busca sua inclusão seja por meio de grupos organizados de trabalhadoras - e neste caso a busca da identificação por agentes de prevenção de DSTs é muito importante- seja buscando apoio uma com a outra, como protetoras das mais novas e protegidas das mais velhas. Isto não acontece com as profissionais do sexo mulheres. Não há um apoio grupal ou mesmo uma identificação.

A travesti se identifica e busca se integrar na sociedade, porém quando há uma resposta negativa, como agressão e preconceito, elas se defendem e se retraem. Muitas se tornam agressivas e agredem a sociedade, furtando e(ou) roubando. Quando as travestis falam que não concordam com o

comportamento das outras que gritam, se vestem de maneira chamativa e inadequadas (segundo as entrevistadas) parecem chamar a atenção e mesmo responder à sociedade pela agressão que sofrem.

Este trabalho mostrou a necessidade de um olhar para especificidades dessas profissionais e a busca por um fortalecimento de grupo como forma efetiva de obter resultados transformadores. Um deles seria a diminuição da violência contra a profissional do sexo e a busca da compreensão de que são trabalhadoras e devem ser respeitadas.

Referências bibliográficas

BASSERMANN, Lujo Historia da prostituição, uma interpretação cultural (tradução: Rubens Stuckenbruck) Rio de Janeiro 1968.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego – MTE. *Classificação Brasileira de Ocupações - CBO/2002*. Disponível em: <<http://www.mtecbo.gov.br>>. Acesso em: agosto de 2008

BUSTOS, Dalmiro Manuel O Psicodrama: aplicações e técnica psicodramática tradução Lucia Neves e colaboradores, São Paulo, Summus 1982.

CALLIGARIS, Eliana dos Reis Prostituição: o eterno feminino São Paulo: Escuta 2005

CORDEIRO, Desiree Monteiro A Homossexualidade Compreendida por Homossexuais Masculinos à Luz da Teoria de Jacob Levy Moreno, trabalho de conclusão de curso da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: PUC-SP 2002.

GUILLEBAUD, Jean-Claude A Tirania do Prazer (tradução: Maria Helena Kuhner) Rio de Janeiro: Bertrand Brasil 1999.

GONÇALVES, Camila Salles, José Roberto Wolff, Wilson Castello de Almeida Lições de Psicodrama: introdução ao pensamento de J.L. Moreno Ágora, São Paulo: 1988

MORENO, Jacob Levy Psicodrama tradução Alvaro Cabral- editora cultrix São Paulo 1997.

MCDUGALL, Joyce As múltiplas facetas de Eros: uma exploração psicanalítica da sexualidade humana Martins Fontes São Paulo, 1997.

PELUCIO, Larissa Na noite nem todos os gatos são pardos; Notas sobre a prostituição travesti in: cadernos Pagu São Carlos 2005.

ROSSIAUD, Jacques A prostituição na Idade Média (tradução: Claudia Schilling) Rio de Janeiro : Paz e Terra 1991.

SÃO PAULO, Governo do estado I Conferencia Estadual GLBTT: direitos humanos e politicas publicas: O caminho para garantir a cidadania GLBTT catálogo Casa Civil, 2008.

SAADEH, Alexandre Transtorno de identidade sexual:um estudo psicopatológico do transsexualismo masculino e feminino, tese de doutorado Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. São Paulo: USP 2004.

KESTEMBERG, Evelyne O psicodrama psicanalítico (tradução: Rosana Guimarães Dalgarrondo) Campinas: Papyrus, 1989.

ANEXO

Roteiro de pesquisa:

Como foi para você pensar em sua profissão?

Qual a sua visão com relação à sociedade?

O que a sociedade pensa sobre as profissionais do sexo?

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu _____,RG _____ declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistada na pesquisa de campo referente ao projeto de pesquisa intitulado “profissionais do sexo e auto-imagem na cidade de São Paulo”, desenvolvido na Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo(PUC-SP). Fui informada, ainda, de que a pesquisa é orientada pelo professor Odair Furtado, a quem poderei contatar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone número 3670-8320 ou email psicopuc@pucsp.br.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo que em linhas gerais é a compreensão da auto-imagem da profissional do sexo.

Fui também esclarecida de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas ética destinadas á pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa(CONEP) do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde.

Minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de entrevista semi estruturada de grupo. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pela pesquisadora e seus orientadores e coordenadores.

Estou ciente de que, caso eu tenha duvida ou me sinta prejudicada, poderei contatar o pesquisador responsável (ou seu orientador), ou ainda o Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo(CEP-PUC-SP) situado na rua: Ministro Godoy, 969- Térreo, Perdizes,São Paulo (SP),CEP:05015000, Telefone:36708466.

A pesquisadora principal desta pesquisa me ofertou uma cópia assinada deste termo de consentimento livre e esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

Fui ainda informada de que posso me retirar dessa pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimento.

São Paulo, ___ de _____ de 2008.

Assinatura da participante _____

Assinatura da pesquisadora _____

Assinatura do orientador _____

São Paulo, 15 de agosto de 2008.

Ao
Comitê de Ética em pesquisa
PUC-SP

Venho por meio deste, solicitar apreciação do projeto de Trabalho de Conclusão de Curso “Profissionais do sexo e auto-imagem na cidade de São Paulo”, a ser desenvolvido pela aluna Ana Luiza S. Fanganiello, orientado por mim.

Sendo o que se apresenta, coloco-me á disposição.

Atenciosamente,

Termo de compromisso do pesquisador

Os pesquisadores, abaixo assinados, se comprometem a:

- Atender os deveres institucionais básicos da honestidade, sinceridade, competência e discrição.
- Pesquisar adequada e independente, além de buscar aprimorar e promover o respeito á sua profissão.
- Não fazer pesquisas que possam causar riscos não justificados as pessoas envolvidas.
- Não violar normas do consentimento informado.
- Não converter recursos públicos em benefícios pessoais.
- Comunicar ao possível sujeito todas as informações necessárias para um adequado consentimento informado.
- Proporcionar ao possível sujeito plena oportunidade e encorajamento para fazer perguntas.
- Excluir a possibilidade de engano injustificado, influencia indevida e intimidação.
- Solicitar o consentimento apenas quando o possível sujeito tenha conhecimento adequado dos fatos relevantes e das conseqüências de sua participação e tenha tido oportunidade suficiente para considerar se quer participar.
- Obter de cada possível sujeito um documento assinado como evidência do consentimento informado.
- Renovar o consentimento informado de cada sujeito se houver alterações nas condições ou procedimentos da pesquisa.

São Paulo, 15 de Agosto de 2008.

Pesquisador responsável

orientador: